

José Engling

De Prositten a Cambrai –  
graça de Deus e cooperação humana

P. K. Lukaschek

José Engling  
De Prositten a Cambrai –  
graça de Deus e cooperação humana

Título original: Gott braucht keine Reklame

Tradução:  
Pe. Gilberto Cavani

Adaptação e Layout:  
Ernst M. Brandstetter

Revisão:  
Therezinha M. Bolli Mota

2002 Somah Edições  
© Sociedade Mario Hiriart  
Rua Pe. Kentenich, 280  
97095-510 Santa Maria-RS

## **Sumário**

Uma surpresa  
Orientação nas dificuldades  
Perseguindo o inimigo  
Empenhado na batalha  
Descoberta de um segredo  
Uma liderança que se firma  
Prepara-se para altos vôos  
Crescimento e missão  
Corpo-a-corpo  
Em férias  
Diferente do que pensava  
Abraçando a missão  
Tudo passa, mesmo a fome  
Tempo para escrever  
Quatro resoluções em três dias  
Preocupação com um amigo  
Um olhar claro  
Tudo ganha quem tudo perde

## Uma surpresa

“Como te chamas?”

“Ej-aeng-ejl-i-aeng-gej.”

“Como, por favor?”

“Ej-aeng-ejl-i-aeng-gej.”

“Ninguém entende isso; venha, escreva-o no quadro-negro!”

O jovem de catorze anos levanta-se e, com passadas firmes, vai até a frente. É alto e de compleição mais robusta que os demais, um tanto encurvado e desajeitado em seus movimentos. Todos percebem: Deus não o contemplou com muita elegância.

Então ele escreve seu nome no quadro-negro com letras bem grandes: “José Engling”. Volta ao seu lugar e trata de pôr suas longas pernas por baixo do banco. “Ele bem poderia ter ficado na roça”, murmura um colega ao seu vizinho.

Os primeiros tempos de José Engling no colégio dos Padres Palotinos em Schoenstatt não foram fáceis. Ele tinha outros sonhos quando, em setembro de 1912, decidiu estudar para ser missionário.

Seu pároco lhe dera um atestado de boa conduta e seu professor o definira como aluno aplicado e atento. E agora aí está ele. Seus professores e colegas terão muitas “surpresas” com José Engling.

Não se completaram quatro meses de aulas e José é o primeiro entre 46 colegas. No final do ano escolar, é o segundo entre 43. Como recompensa recebeu um livro. Em todas as matérias os conceitos recebidos são “muito bom” e “bom” a não ser em canto, que recebeu “suficiente”. Caligrafia e desenho, porém, não são seu forte. Faltam-lhe para isto talento e agilidade. Mas o que mais importa é que, no fim do primeiro ano, todos os colegas alegam-se com seu sucesso, reconhecem José como um bom colega e amigo, pronto para ajudar, sincero, e incondicional amante da verdade.

Certa vez o professor de alemão, ao lhe entregar a redação cujo conceito era “muito bom”, diz-lhe: “Não prestei muita atenção à tua redação, ela sempre é muito boa”. José abre o caderno e lê mais uma vez seu trabalho. Então se levanta e diz: “Mas, desta vez eu fiz um erro”.

Não se gaba de seus êxitos; não acusa a ninguém por suas tolices; sempre que pode ajuda aos que o procuram.

Os trabalhos na casa e na horta, aos quais os alunos se dedicam com mais ou menos gosto, José executa bem e com a maior dedicação. Como camponês e sendo o quarto entre sete irmãos, aprendeu a ajudar onde fosse preciso.

Com doze anos já demonstrava disposição e iniciativa. Em sua terra ainda não era costume fazer a comunhão antes dos doze anos. Por isso só com essa idade prepara-se para esse dia. E ele o faz com uma seriedade que chamava a atenção. Sem que seus pais e professores lhe sugerissem, por própria iniciativa – era o dia 1º de maio de 1910 – sentou-se, tomou umas folhas de papel, fez uma caderneta de anotações e, compenetrado, iniciou a escrever:

“Esta caderneta não é para servir e fomentar a vaidade, mas tem por objetivo melhorar minha vida e preparar-me para a primeira comunhão” E logo abaixo vem a frase que caracteriza sua vida: “Assim quero começar e escrever”.

### **Orientação nas dificuldades**

Na escola há um lugar para limpar e guardar os sapatos. “Olha só estes sapatos!”, diz Carlos aos que aí se encontram. “São verdadeiras barcas. A quem pertencem?” – “Ao roceiro, naturalmente” – diz o Afonso e dá uma risadinha. “O Engling usa-os na quadra de esportes e onde ele pisa não cresce mais grama.”

Batem a porta e é o José; ele os ouviu. Ouviu também quando o professor de educação física chamou-o de espantinho, e sente quando seus colegas zombam dele. José é profundo e sensível de coração. Mesmo quando se cala e faz cara amiga diante das troças e brincadeiras de mau-gosto, as cotucadas diárias o ferem.

E nas aulas? Barreiras e mais barreiras se acumulam. Estuda com vagar e dedicação. Seus pensamentos se voltam muitas vezes para os pais e irmãos. Nunca se esquece de proporcionar-lhes uma alegria em seus aniversários. Ele até tenta fazer uma ou outra poesia para essas ocasiões. Às vezes querem invadi-lo sentimentos de desânimo e tristeza. Somente passo a passo está conseguindo vencer e por fim pôde contar com a virória.

Periodicamene, é apresentada no colégio uma peça de orquestra. É o José quem toca o contrabaixo causando muita alegria aos menores. A ponta do pé bate o ritmo, a cabeça balança, os lábios contam os passos, em fim, todo o corpo se movimentam. Os menores se cutucam um ao outro e no fim, entusiasmados dão uma grande salva de palmas. Mas José se dá conta do motivo do aplauso e da gozação.

Quando está sozinho, quando faz seu exame de consciência à noite, refletindo sobre sua faltas, espontaneamente procura segurança. Em quem, poderá confiar?

Está crescendo sua confiança na pessoa do orientador espiritual do colégio. Este tem compreensão para qualquer dificuldade dos jovens. Responde às perguntas, dissipa as dúvidas, na confissão dirige-lhes palavras que dão nova coragem. Além disso, regularmente dá aulas de formação. Esta é uma arte muito difícil, se considerarmos a idade dos jovens. Quem deles está disposto a enfrentar o que é desagradável? Além disso, muitas vezes, têm aversão ao que é sério. Mas o Pe. Kentenich – esse é o nome do orientador espiritual – sabe lidar com a juventude. Seus exemplos bem acertados e os interessantes diálogos conduzem a um pensar autônomo, a uma conversa franca, a uma consciência formada e convicções fundamentadas. José escuta. Está admirado. Cada conferência parece ser especialmente para ele. Nas horas de desânimo lembra-se da história do jovem que aspirava ser um capitão, mas que deveria primeiro formar-se simples marinheiro. Quantas vezes os experientes marinheiros o castigam por falta de habilidade e jeito. E quantas vezes quis escapar dessa árdua escola. Só tem um amigo em quem confia. E quando o novo marinheiro está sofrendo, ele o anima: “Coragem! Fica firme!” Em tempos de desânimo parece a José que também o orientador espiritual lhe diz: “Coragem! Fica firme!”

Certo dia o Pe. Kentenich os surpreende com uma “estranha” sugestão. Pergunta, se, nas férias, estariam dispostos a fazer um resumo de todas as instruções do ano sob o aspecto: “Como conservo e cultivo a graça da minha vocação?” Muitos aceitam a sugestão. Os trabalhos apresentam uma grande variedade. Há quem sabe contar mais do que o orientador imaginou. Outros apresentam fragmentos de poucas palavras. O trabalho de José chama a atenção. Apresenta um trabalho muito fiel, uma reprodução quase completa de todas as instruções. Não se encontra nenhuma repetição inútil. Cada frase traz uma idéia essencial. José tem uma boa memória? Mas isso não seria suficiente para explicar o fato. Outros, mais dotados, também escrevem muito bem. Mas o trabalho de José é o que melhor atinge o âmago da questão.

O respeito e o amor que José dedica ao seu orientador espiritual cresce dia por dia. Como um terreno preparado, recebe de coração aberto a semente lançada. Sem essa orientação, apesar de toda a dedicação e boa vontade, seria muito difícil, em tão pouco tempo, conseguir tanto em sua vida interior e mais tarde trabalhar de modo tão conseqüente e com tão bons resultados. “Recebi do orientador espiritual novos impulsos para trabalhar”. Repetidas vezes encontramos essa frase em suas anotações. Até o dia de sua morte manterá uma ligação vital com ele. “Quero tornar-me santo através do meu orientador espiritual”, escreve em meio aos horrores da guerra.

Assim, a alma do jovem aberto à graça encontra a mão bondosa e firme de um pai, que o orienta com segurança para elevados ideais.

### **Perseguindo o inimigo**

O que motivou a José acompanhar as instruções com tanta atenção? Desde a mais tenra juventude José sempre se interessou por conhecer a geografia de sua alma e mais ainda aos 15 anos! “O que está em mim? Temos uma ou duas almas? Por que conheço o que Deus quer de mim e mesmo assim não atuo de acordo com isso?”

Muitas vezes nos extasiamos numa noite estrelada aspirando à uma vida melhor. Mas logo a seguir surgem forças ocultas que, como feras, procuram devorar tudo o que é bom.

“Mãe, hoje quase agredi o professor e tenho a certeza de que meus colegas teriam me ajudado”, disse ele ao voltar correndo da escola primária. Também seus colegas de classe, em Schoenstatt, se admiram quando ele pega a vassoura e se vai, pelos corredores à caça de um zombador. De repente alguém o acerta sem querer com uma bola na cara. A ira o domina. Engling toma a bola, molha-a numa poça de água próxima e a arremessa contra o adversário, o qual pingando água, lá está desolado.

“Gosto de comer bem e muito”, escreve José no seu diário. À mesa, custa-lhe esperar até que chegue a sua vez para se servir.

“O que me é particularmente difícil?” José se dá conta de onde está o inimigo. Ele o enumera:

“O levantar-me pontualmente, o relacionamento com os colegas, admitir incoerências em minhas afirmações, dominar o meu mau-humor quando alguém à mesa demora muito ao servir-se ou ao cortar o pão.”

Seu coração, facilmente impressionável, muitas vezes deixa-se levar pela disposição do momento. O conselho do orientador espiritual: estabelecer uma meta clara, controlar por escrito seu propósito particular e, de vez em quando, impor-se, voluntariamente, um ato de penitência, verifica-se benéfico para José. Quando a preguiça e o desgosto vem se abater sobre ele, basta ele verificar em sua caderneta os propósitos e aí encontra as decisões que o animam. “Exame Particular” soa bem para José. Não há um teleférico que nos eleve às alturas da perfeição; temos que ir subindo a pé, por cordas e escadas. Quanto mais se sobe, tanto mais íngreme fica a

escalada. José Engling experimenta, já agora, o “Exame Particular” como um meio muito eficiente. Mesmo que não consiga vencer logo em todas as frentes, mira um inimigo após o outro. Assim avança passo a passo. Ele ainda terá que experimentar como o inimigo é pertinaz.

### **Empenhado na batalha**

“Minha corcunda me deixa quase desesperado. Algumas vezes já estive para desistir. Mas quero voltar novamente ao trabalho.” – José volta a fazer exercícios extras no fundo da casa. Também esforça-se com exercícios de linguagem para superar suas falhas de pronúncia. Pede desculpas a um de seus colegas que tinha ofendido. Mesmo que em tudo isto não tenha conseguido resultados totalmente positivos, consegue, nesta sua luta tenaz, duas coisas decisivas: Suas falhas não são mais tão frequentes e, mais adiante, quase não percebem sua “corcunda”, a não ser quem já o conhece. Mas, acima de tudo, aprende a conformar-se com o que é inevitável, a dar um corajoso “sim” às suas limitações e a trabalhar com os talentos que Deus lhe deu.

“Como este homem pode ser sempre tão alegre e feliz?” pensam muitos, ao observar José Engling. Sempre disposto, também brinca, quando é oportuno. Odeia ficar parado e espreguiçando-se. Quando ele está presente ninguém fica quieto. “Vamos jogar!” E já corre ao meio da quadra como um potro. Todos se entusiasma e se movimentam. Escreve para casa a fim de conseguir bandeirinhas para as disputas e, mesmo no exército, preocupa-se para que não falem bolas.

Mas, pensando bem, quanto lhe custava estar sempre alegre! “Para que meu mau humor não determine meu comportamento, quero lutar contra ele. Três vezes ao dia quero imaginar como agiria Nossa Senhora e, ao menos a cada dois dias, quero conversar com o Bayer e mostrar-me amigável com ele.” ...

“Quero lembrar-me diariamente que um filho de Maria não pode ser triste e esforçar-me por ser sereno. Se eu ficar triste quero lutar contra isso e impor-me uma penitência.”

A ira lhe surpreende quando menos espera. As determinações do colégio prevêm que os alunos ajudem nos trabalhos da casa e da horta. Na quinta-feira à tarde deveria ser removida enorme quantidade de barro. Para o robusto Engling isso é um descanso. Fica contente quando pode medir sua força física nesses trabalhos. Seus colegas menores já pensam diferente. Do barro pegajoso fazem bolinhas e armam uma guerra. O alvo é o dedicado Engling. Que gozado quando o benévolo José volta-se a procura de quem atirou! Repetidas vezes olha para os “inocentes” e

não sabe ao certo, quem foi que jogou a bolinha. Mas, o que foi? Será que ele descobriu? Rapidamente pega um punhado de barro. Pimba! E o barro se esborracha no rosto do principal culpado... Todos ficam surpresos, principalmente o próprio José. A batalha contra a ira ainda está longe de ser vencida.

José tem um sentimento de justiça muito apurado. Seus colegas tiveram oportunidade de observar, mais de uma vez, como ele teve que se esforçar para não se indignar contra uma injustiça real ou suposta da parte dos professores ou dos superiores. Certa vez um encarregado da vigilância se esqueceu que dera licença a José para ir passear com uns colegas, na hora do recreio. Quando voltaram foram severamente advertidos e castigados. José treme de raiva. Só depois de alguns dias foi capaz de se dominar.

“Antigamente educavam-se os príncipes nas cortes francesas de um modo estranho”. Assim começa o orientador espiritual sua palestra. “Havia o assim chamado ‘menino de pancada’”. Se o príncipe falhava em seu comportamento, era chamado um de seus colegas de aula e batiam-lhe na presença do príncipe. Este era poupado, pois era o príncipe. Vendo que o colega inocente era espancado em seu lugar, devia arrepender-se de sua falta.” José fica indignado e se revolta. Tudo nele clama contra essa injustiça. Quer dar um salto para a frente e responder algo ao padre. Mas este logo o faz refletir: “Será que todos nós não somos como esse príncipe que permite o espancamento de um inocente no seu lugar e ainda fica assistindo? Quantas pessoas têm que sofrer diariamente por causa de nossas faltas? Não são eles a toda hora nossos ‘meninos de pancada’? Eles têm que sofrer por causa de nossos caprichos e falta de domínio”.

José decide retomar a luta contra suas falhas. Será que ele vai conseguir vencer somente com sua força de vontade? Sincero consigo mesmo, deve constatar que não. Nesta época José faz uma descoberta – a descoberta decisiva de sua vida!

### **Descoberta de um segredo**

Em agosto de 1914 irrompe a Primeira Guerra Mundial. Que mudança em Schoenstatt! O ano escolar começa com um mês de atraso. Os alunos voltam das férias, grupo por grupo: as classes mais adiantadas no dia 15 de outubro, as médias, como a de José Engling, duas semanas mais tarde. Apesar disso José logo fica sabendo sobre o dia 18 de outubro. Este acontecimento não pôde ficar despercebido ao seu espírito atento e ao seu coração aberto.

Em frente à “Casa Velha” ergue-se, já de longa data, a capelinha do cemitério que

existia desde o antigo Schoenstatt. No século XV foi consagrada a São Miguel Arcanjo. Houve épocas em que servia para guardar ferramentas do jardineiro. Mas, durante as férias de 1914, foi reformada.

Pela primeira vez, por iniciativa do Pe. Kentenich, reúnem-se, nesta pequena capela no dia 18 de outubro de 1914, os membros da Congregação Mariana. Mais do que qualquer um, ele conhece a situação do seu tempo. Conhece também as preocupações dos jovens. As classes superiores estão diante dos exames finais. Seus pais e colegas estão no serviço militar e nas frentes de batalha. Diariamente chegam notícias de mortes. Nas salas de aula, transformadas em hospital, gemem os feridos. O fantasma da fome está às portas. O incêndio de proporções mundiais destruirá tudo? O espírito de fé e os bons costumes irão desaparecer? O que se pode fazer se a morte, com sua foice, se atira sem piedade sobre bons e maus? Facilmente, amargura e o ódio corroem os corações.

Mas o Pe. Kentenich vê ainda outras coisas. Ele lê no livro do tempo, linha por linha. O que Deus espera, aqui e agora, deste pequeno grupo de jovens? O Santuário deve tornar-se para todos um lar, quando em breve, a tempestade rugir e todos estiverem na frente de batalha. Ele deve tornar-se um símbolo de seus ideais, de seus princípios e vitalidade. Sim, e mais! A então Congregação Mariana encontra-se diante uma decisão de grande alcance. Deus lhes oferece uma pequena semente capaz de gerar vida. Ainda mais do que até agora, os jovens se esforçarão para crescer no amor a Nossa Senhora. Todos os seus trabalhos, sucessos, alegrias, sofrimentos e preocupações serão colocados no Santuário, à disposição da Mãe e Rainha. A crescente angústia do tempo e o ardente interesse pelo bem da Igreja e a salvação dos homens sugerem ao Pe. Kentenich e seus jovens selar uma aliança de amor com Nossa Senhora.

Se dia por dia colocarem aos pés de Nossa Senhora seus atos de amor, Maria tomará as mãos estendidas e atrairá a si os corações juvenis e lhes obterá as graças em meio a perigos e tempestades. Desse modo manter-se-ão perseverantes na sua missão e Maria os tornará instrumentos úteis na renovação do mundo, conforme os planos de sabedoria e bondade de Deus todo-poderoso. Assim Ela escolhe esse lugar para torná-lo um lugar de graças para a própria pátria e para muito além de suas fronteiras: a graça do espírito apostólico que levará a Igreja a um novo tempo de floração.

Com a Aliança de Amor do 18 de outubro de 1914, a Congregação Mariana de Schoenstatt rompe seu quadro tradicional e projeta-se para mais amplos ideais. Novos e mais elevados objetivos atraem os jovens. Querem não apenas venerar a Nossa Senhora mas provar-lhe o amor a cada dia e a cada hora. Aspiram que suas intenções, desejos e planos, coincidam com os planos de Deus e determinem a

norma e a forma de seu pensar e agir. Seu permanente “sim” a Deus torna-se aspiração fundamental de sua vida. E na aliança com a Mãe de Deus, no Santuário, cada ação, mesmo a menor, é um apostolado.

José Engling é a terra preparada para receber a semente da Aliança de Amor, capaz de produzir muitos frutos. “Agora quero começar”, diz ele novamente quando ouve falar do grande projeto. Inscreve-se, como candidato da congregação, no grupo que trata, em suas reuniões, das boas maneiras. “Boas maneiras”, José se sente desajeitado em sua maneira de ser. É por isso que se increve? – E vai adiantar alguma coisa?

Seus colegas contam um episódio que mostra como José compreendeu o núcleo da questão e como sua cortesia foi crescendo. Todos os sábados à tarde, dois alunos limpavam a capela com todo carinho. Principalmente o piso de cerâmica, tinha que brilhar. Mal eles acabam de limpar, aparece José, vai até a frente e ajoelha junto à mesa da comunhão, diante da imagem da Mãe de Deus. Fica aí por bastante tempo, profundamente recolhido.

“Nada contra a piedade”, pensa zangando o sacristão, “mas não devia pisar no chão logo depois ter sido encerado!” – “Engling, assim não dá”, ele avisa-o. “Deves esperar até que o piso esteja completamente seco!” – “Mas eu limpei bem os sapatos. Estão bem limpos”, suplica José. – “Não importa, mesmo assim vai sujar. Venha mais tarde!” – “E se eu for na ponta dos pés e der passos bem grandes?” – Ele o diz num tom tão conquistador que o sacristão não pôde replicar.

Com o passar do tempo verifica-se que José perdeu seu coração para Aquela que o conquista, forma e molda como instrumento para o Reino de Deus. Um ano é suficiente para a alma de Engling amadurecer mais do que poderia conseguir com treinamento e força de vontade. José abre o coração à graça que recebe da Mãe de Deus no Santuário. Ela o transforma mais e mais num instrumento apto para a missão, a partir de Schoenstatt. É como se Ela já quisesse confirmar agora o que fora proclamado a 18 de outubro: “Não vos preocupeis com o cumprimento de vossos desejos. Provai primeiro que me amais. Então, daqui atrairei a mim os corações juvenis.” De qualquer modo, José tem cada vez mais influência numa tarefa para a qual ele jamais se atribuiria capacidade ou dignidade.

### **Uma liderança que se firma**

Como vai José em sua relação entre os colegas? É ele um insuportável, um pisa-mansinho, ou um ambicioso e vaidoso? A sua falta de jeito é um impedimento

fatal? Sua piedade é repulsiva? Ao contrário: Muito antes de ser admitido à Congregação Mariana os superiores o nomeiam responsável pela classe. Muitos teriam preferido o mais dotado e elegante João Wormer. Mas foi escolhido, o José que por seu senso de justiça e sua bondade conquistou a confiança. Depois de muitos anos, um de seus colegas escreve:

“Se eu comparar todos os encarregados de classe que tive em Schoenstatt, José, já naquele tempo, foi o que mais correspondia à essa tarefa por aplicar um método adequado. Ele preocupava-se que as regras da casa, especialmente o silêncio na sala de estudo, fossem observadas. Nestas coisas José não era mesquinho. Os menos dotados tinham muita confiança nele. Vem um e lhe pergunta sobre uma expressão latina; outro pede ajuda para resolver um problema de matemática; um terceiro lhe apresenta seu trabalho para apreciá-lo. Por seu acolhimento amigável José tornou-se amigo de todos.”

Um dia foi escolhido para ler em sua classe a biografia do estudante, Pedro Barbaric. No início, sua pronúncia defeituosa provoca o riso de alguns. Mas aos poucos a leitura está se tornando mais atraente e José lê com entusiasmo. As gozações param. O entusiasmo do leitor contagia e finalmente todo mundo se admira. Por fim os ouvintes não sabem o que mais os atraiu: a história do croata Pedro Barbaric ou o entusiasmo do leitor.

José lê novamente o sumário para lembrar o decorrer da história. A cada capítulo apresenta, espontaneamente, um breve comentário. Os colegas escutam com atenção. Percebem que José é autêntico e veraz e ninguém está mais rindo dele.

José é o encarregado das turmas do segundo ao quarto ano; é apreciado pelos professores e goza da confiança dos colegas. As dificuldades do começo foram vencidas; sua busca e seu esforço foram guiados por seu orientador espiritual; a Aliança de Amor o marcou profundamente. Não é de admirar que as ressonâncias se estendam a círculos mais amplos. Como uma águia sua alma estende as asas e se prepara para altos vôos.

### **Preparando-se para altos vôos**

Dezembro de 1915. O retiro espiritual leva José ao recolhimento interior. Importantes resoluções cruzam seu espírito. Procura escutar a voz em seu interior. José anota e as frases se sucedem com rapidez; representam a colheita de sua dedicação e contém o programa de sua vida. Vejamos:

“Quero tornar-me santo. Prefiro morrer a ofender a Deus, mesmo com um pecado venial. Quero tornar-me tudo para todos, pertencendo totalmente a Maria. Quero ser consciencioso, mesmo nas menores coisas.”

Com isto o terreno está balizado. Pode-se começar a obra.

Quantos jovens, porém, quantas pessoas sobre a terra estabelecem, num momento de entusiasmo, tais programas. No entanto nada conseguem. Sonham, mas não querem. Desejam, mas nada realizam. José evita este perigo. Continua refletindo junto ao seu caderno, monta um projeto e estabelece regras para lhe servirem de espelho em que ele, periodicamente, se reflete e examina. Eis o projeto:

“Tive sempre clareza de meu objetivo?  
Permaneci firme no esforço à perfeição?  
Examinei diariamente minha consciência?  
Persegui meu propósito particular?  
Rezei minhas orações?  
Controlei-me nas refeições?  
Fiz diariamente sacrifícios voluntários?  
Evitei todo o pecado? Toda imperfeição?  
Segui sempre minha consciência?  
Deixei alguém desgostoso na convivência?  
Ofendi a alguém?  
Fiz injustiça ou causei dor a alguém?  
Fui grosseiro? Rabujento?  
Estorvei alguém no estudo?  
Suportei as falhas dos meus colegas?  
Observe as regras de boas maneiras?  
Fui sempre pronto a ajudar?  
Ajudei os outros no estudo?  
Fiz algum sacrifício por eles?  
Fui atencioso?  
Atendi a todos os pedidos?  
Tive sensibilidade para os sofrimentos alheios?  
Tive compaixão? Procurei consolá-los?  
Soube divertir positivamente os outros?  
Fui apostólico junto a meus colegas?  
Como foi minha conduta com os superiores e professores?  
Respeitei-os? Fui obediente? Rezei por eles?  
Considerarei-os representantes de Deus?  
De manhã, levantei-me na hora?  
Fui pontual sempre e em todo o lugar?”

Observei o silêncio prescrito?  
Estudei todas as matérias? ...”

Agora José se sente aliviado. Ele não somente balizou o terreno mas cavou também as valetas para os alicerces. Muitas vezes olhará em seu “espelho”. Procederá, como na manutenção de uma estrada, percorrendo-a conscienciosamente para verificá-la e garantir a segurança dos viajantes. José percorre todas as noites a estrada de seu projeto estabelecido. Desta forma garante a força de sua Aliança de Amor com a Mãe de Deus. E esta Aliança de Amor vai conduzi-lo, degrau por degrau, ao alto, tornando-o instrumento cada vez mais apto para os planos de Deus.

### **Crescimento e missão**

Há muitas anotações de José Engling que expressam seu grande amor a Maria. Toda a sua vida é determinada por essa constante. O amor à Mãe de Deus e sua ilimitada confiança nela despertam as energias positivas de sua alma e as conservam, fomentam e aperfeiçoam. Suas anotações, muitas vezes são tão ternas, que exigem do leitor compreensão e respeito. As anotações de José dirigem-se, muito freqüentemente, a Maria, num diálogo direto. Gosta de chamá-la “Mãezinha”. Aí se manifesta todo o ardor de seu coração. Para ele, natural de Ermland, esta expressão não tem nada de piegas.

“Diariamente quero ler algo sobre Nossa Senhora e falar sobre Ela com alguém. Quero, antes de cada hora de estudo, saudá-la e pedir-lhe sua bênção e oferecer-lhe tudo. Diariamente, quatro vezes ao dia, por dois a três minutos, quero contemplar a amizade de Nossa Senhora e ainda mais freqüentemente lembrar-me da amabilidade e da serenidade que lhe vem do coração.”

“Ó Mãe, o que exiges de mim, o que queres que eu faça? Mãe, tu vês minha fraqueza, tu vês minha boa vontade. Ó Mãe, Mater Ter Admirabilis (Mãe Três Vezes Admirável), ajuda-me! Meu coração arde em desejo por uma grandeza sem limites. Mãe, eu te pertenço totalmente. Quero ser teu na terra e no céu.”

“Hoje, durante o terço, veio-me o pensamento de colocar à disposição todas as minhas boas obras, por toda a minha vida, e isso de tal modo a não pedir nada para mim e para os que me estão confiados, mas deixar totalmente nas mãos da Mãe, tudo o que Ela me quiser dar.”

No mês de maio desse mesmo ano, aprofunda-se continuamente seu amor a Mãe Três Vezes Admirável. Não passa um dia sem que José se esforce, nas mínimas

coisas, por alegrar Nossa Senhora. No final do mês encontramos uma anotação digna de nota:

“Mãe, para tua honra toma tudo o que eu fiz. Já o ofereci no começo de maio, quando coloquei tudo à tua disposição. Por favor, aceita-o para a realização da idéia: Schoenstatt deve tornar-se um segundo Ingolstadt. Mas é apenas um modesto desejo, e eu o entrego inteiramente a ti, ó Mãe, para fazeres o que quiseres.”

Por que José passa a pedir que se realize a idéia: “Schoenstatt um segundo Ingolstadt?”

Como todas as obras iniciadas por Deus e com a Sua ajuda realizadas pelos homens, a pequena plantinha, que mais tarde se tornará o florescente Movimento de Schoenstatt, experimenta embaraços. Por isso se evita toda a denominação que poderia ser prejudicial à obra nascente e ao seu desenvolvimento.

Como durante as refeições se está lendo a história do Pe. Jacó Rem e de sua Congregação Mariana de Ingolstadt, surgem comparações com a situação do Movimento de Schoenstatt. Realmente, Ingolstadt no século XVI era um florescente movimento de jovens, chamado de “Colóquio Mariano”; por decênios foi uma bênção para a Igreja e o mundo. Muitos que escutam a leitura se envolvem no assunto, discutem à mesa e descobrem semelhanças com suas próprias idéias. O título de Nossa Senhora em Ingolstadt, “Mãe Três Vezes Admirável” encontra tanto eco entre eles, que o quadro entregue de presente pelo Professor Hugle, em 1915, a partir de então, recebe o mesmo título. O fato de que em Ingolstadt surgiram grandes homens, como por exemplo o Conde Tilly, foi um contínuo estímulo para os primeiros jovens schoenstatianos fazerem o melhor possível por sua Aliança de Amor com Maria.

Como José é muito prático, logo passa à ação. Animado, adere ao conteúdo desta grande idéia, trabalha por ela em sua vida prática e deseja que Nossa Senhora cuide de sua plena realização. Se a Mãe de Deus, pela história, mostrar que aceitou a Aliança de Amor de 18 de outubro de 1914 e que Ela está transformando o Santuário num lugar de graças e origem de um movimento apostólico, ter-se-ia uma crescente garantia para uma eficiência universal. Consequentemente José entrega-se, no final do mês de maio, totalmente aos planos e desejos dela e desenvolve um eficaz apostolado.

## Corpo-a-corpo

Depois do primeiro ano do segundo grau, José entregou a coordenação da classe, para assumir um cargo de maior responsabilidade. Foi nomeado dirigente da Congregação Mariana. E isso não era pouca coisa. Dirigir e inspirar grupos de jovens em desenvolvimento e no meio da adolescência, é um desafio.

Houve, por exemplo, o problema com um aluno chamado Gusen. Este sujeito xinga os outros com todo o atrevimento, onde e quando bem entende e sempre pelas costas. Não lhe importa, absolutamente, que muitos se queixem. Afinal, ele tem seus sequazes, que consegue conquistar pelo seu jeito de ser. Perturba o estudo, reclama atrevidamente quando alguém lhe chama a atenção. Entretanto, é membro da Congregação Mariana.

Muitas vezes fazem pressão para que José Engling, ao menos, o expulsa da Congregação. Mas José não está disposto a fazê-lo tão depressa. De qualquer maneira, quer fazer o possível para que ele melhore. As expulsões geralmente provocam amargor e dificultam a conversão. Por isso José faz todo o esforço para que Gusen mude o seu proceder. Observa cuidadosamente o que alegra a Gusen e nota cada palavra ou ação que possa exprimir boa vontade. Finalmente, Gusen é avisado de que ele pode ser expulso e assim, por um tempo, ele faz um esforço. Mas isso não dura muito. Em breve cai nas mesmas faltas. O que Engling procurou construir com esforço, derrete-se como cera ao calor. José fica muito sensibilizado quando Gusen, finalmente expulso da congregação, deixa também o colégio

João Wormer é o mais próximo colaborador de Engling e, pelas diferenças de caráter dos dois, aparecem divergências. João, muito dotado, elegante e animado da melhor boa vontade, se porta como José, fomentando o bem do movimento. Apesar disso, para José, muitas vezes é difícil dialogar com ele. Por semanas teve que lutar contra uma aversão que não sabia de onde vinha. Mas a cada vez que constata tais sentimentos nele, faz força para superá-los.

Com o tempo José Engling adquire tanta ascendência entre seus colegas que a frase: “José Engling também diz assim”, encerra muitas vezes as discussões. Ele usa o método do “corpo-a-corpo”, e evita qualquer tipo de efeito propagandístico. Silenciosa e desinteressadamente dedica-se a cada um. Na força de sua atitude totalmente sobrenatural, que veio a ser sua característica, consegue resultados positivos e duradouros. Em lugar de muitas pequenas anotações que poderíamos citar, basta o seguinte exemplo:

Foi pelo trabalho de José Engling que vingou a idéia das “Contribuições ao Capital de Graças”, conhecida e praticada no Movimento de Schoenstatt até hoje. Uma

juventude, por natureza avessa ao sacrifício, quem sabe, consiga entusiasmar-se e compreender esta idéia que representa uma solução em muitas dificuldades.

O assunto “Contribuições ao Capital de Graças”, não atrai muito os jovens. Mas quando José Engling fala disso, se sabe: ele experimentou em si próprio e portanto é praticável. Mesmo os que não se entusiasмам facilmente por exercícios religiosos, aderem a esta idéia. Como estão justamente no mês de maio, José chama às contribuições “flores de maio”. Os alunos anotam seus esforços e sacrifícios em honra de Nossa Senhora. Floresce o amor a Mãe de Deus e a aspiração ao heroísmo. É uma bela disputa de nobres esforços. Preguiça e manias são vencidas. As “Contribuições ao Capital de Graças” evitam a pura rotina sem graça. Procura-se fazer as coisas por amor. Camaradagem leal e cavalheirismo são notados no jogo, no estudo, no trabalho. O próprio horário do colégio é aproveitado para moldar o caráter e esta educação para a pontualidade continua atuando em casa, nas férias.

### **Em férias**

É de admirar, e talvez seja um dos maiores méritos de José Engling, que comecem a ser praticadas atitudes de verdadeiro espírito cristão. Observa-se por exemplo o controle, por escrito, do propósito particular, contra o qual a natureza humana resiste. Pode até ser que se reconheça claramente: sem uma meta definida e sem um plano preciso não é possível a santidade e talvez nem mesmo ser uma boa pessoa. Mas anotar propósitos e controlá-los por escrito parece impossível. José, que experimenta consigo mesmo o efeito positivo deste controle, apresenta, com todo o peso de seu prestígio, seu parecer favorável na última reunião antes das férias. Surpreende seus colegas com os seguintes pensamentos:

“O que podemos fazer durante as férias? Podemos, com frequentes sacrifícios e esforços assumidos voluntariamente aumentar muito o Capital de Graças de nossa Mãe: sim, em 18 de outubro de 1914 combinamos com Ela provar-lhe o nosso amor. Enquanto nos mantivermos fiéis neste propósito e lhe entregarmos, no Santuário, nossas boas obras feitas por amor a Deus, Ela também vai ouvir nossos pedidos; vai-nos ajudar em nosso trabalho de auto-educação e, a partir daqui, fazer surgir um movimento de renovação religiosa e moral de todo o povo. Por isso, temos que fazer nas férias mais do que até agora. Sugiro que controlemos por escrito, como servimos ao próximo durante o dia.”

José percebe que sua proposta não foi aceita e isto o leva a deter-se por um momento. Depois afasta todas as objeções com uma série de perguntas: “Será que vamos nos sentir bem nas férias se a principal preocupação não for nossa auto-

educação? O despreocupado decorrer do dia, as impressões exteriores que de repente se abatem sobre nós, os colegas diferentes: tudo isso não constituirá um perigo de perdermos tudo o que conquistamos durante o ano? Desde o começo temos que saber onde o inimigo se oculta, onde os perigos ameaçam. Poderemos atingir muito mais facilmente a nossa meta se soubermos, já agora, o que queremos.”

Companheiros de José Engling contam que a sugestão caiu em terra boa e produziu abundantes frutos. É certo que, ele mesmo, soube aproveitar as férias. Além dos inúmeros pequenos atos de auto-educação para o Capital de Graças, José se empenhou seriamente por uma questão da Igreja daquele tempo.

Em seu povoado, Prositten, as pessoas comungavam raras vezes e quase somente as senhoras. Na mesma época o Papa exortava a que se comungasse mais frequentemente e introduziu a comunhão das crianças. Os inúmeros ataques contra a fé e os bons costumes exigem que se cultive a vida da graça. José procura conversar a esse respeito com o padre responsável. De início, o padre é muito reservado. José, entretanto, conquista pessoas entre seus parentes e conhecidos. Depois de um ano alegrava-se ao constatar que o padre freqüentemente pregava sobre a comunhão e que o povo – não só as mulheres – ia comungar em grande número e não só nos domingos, mas também nos dias de semana.

Mais uma vez é o método de corpo-a-corpo que José usa em seu apostolado. Não é a ordem de alguém ou a convocação de uma organização católica que movem José e seus colegas à responsabilidade pela Igreja. Para isso bastam a Aliança de Amor e a lembrança do Santuário. A graça que jorra do Santuário abre os olhos para as necessidades e dá força na ação. Até as desilusões são vencidas rapidamente e com relativa facilidade.

Nas férias José mantém contato com seus colegas. Organizam encontros para fortalecer-se em seus ideais e convidam também alunos de outros colégios. Um grande número e alunos dos colégios de Roessel e Allenstein aceitou o convite. Gustavo, Otto e José preparam-se para as palestras e definem o que cada um deve falar. Gustavo vai lançar um olhar na situação do tempo, a luta e responsabilidade da juventude; Otto vai mostrar como a formação do caráter é a melhor preparação para as futuras atividades; José fala sobre a importância do espírito comunitário para os que seguem as mesmas idéias.

No dia 13 de agosto, conforme combinado, foram ao encontro. Mas, que decepção: ninguém dos convidados apareceu, somente os três palestrantes. O que fazer? Resolveram sentar e ler a palestra, cada um para os outros dois. No fim podiam dizer que ao menos eles se fortaleceram mutuamente em seus ideais. O fato deles

não terem desanimado e seguido em frente, já é um resultado positivo.

Como o espírito apostólico, sob a orientação e o exemplo de José Engling, cresceu no florescente grupo e se manteve firme nas férias, comprovam-no as crônicas, que fornecem uma visão geral do trabalho realizado.

Considerando que a idéia do apostolado dos leigos naquela época ainda era muito pouco conhecida, é de admirar como esses jovens idealistas são criativos e dedicados:

Um, com 15 anos de idade, ministra em sua cidade uma conferência sobre as missões; outro vende revistas; um terceiro coloca-se à disposição numa associação de jovens da região; procura-se convidar à Igreja os afastados; distribuem-se revistas juvenis; atua-se na juventude paroquial. Numa palavra: o que se iniciou em Schoenstatt num ambiente fechado, começa a mostrar sua força vital pelo mundo afora.

### **Diferente do que pensava**

É domingo 19 de novembro de 1916. A primeira guerra mundial brame furiosamente em todas as frentes. Nesse dia José é convocado para o serviço militar. Vai para a escola de recrutas, inicialmente no quartel de Hagenau. Como José vai se manter em circunstâncias tão diferentes?

Passaram as primeiras semanas. Um dia aparece um sargento para o controle das camas. “Que porcaria é essa?” Um colega não deixou a cama em ordem exatamente como manda o regulamento militar, e o sargento desarruma as camas dos 40 recrutas e joga tudo no chão. “Arrumar de novo e num piscar de olhos! Que vergonha!”

Num final do dia a tropa volta morta de cansaço. Os primeiros já estão dormindo. Aparece o sargento berrando que os praças pulem da cama. Ele manda-os fazer exercícios do jeito que estão: “Para cima da cama! – Para baixo da cama! – para cima – para baixo, para cima – para baixo e assim por diante. José há de sofrer mais do que outros nestas situações. Ele não é soldado elegante. Vedam-lhe a saída porque não aprendeu ainda a saudação perfeita. “Impossível, este não pode ser visto em público!”

Enquanto os outros passeiam José está no quartel, fuma o seu cachimbo e tem tempo para refletir. Lembra-se do seu ideal. Como vai ele? Será que tudo desabou

no meio desta máquina? Ele puxa sua caderneta e examina seus propósitos. Esta caderneta! – Como ele está valorizando agora o que aprendeu em Schoenstatt! Em primeiro lugar sente a importância do Exame Particular em sua vida.

“Quero santificar o meu trabalho com uma pequena oração, ao menos a cada hora.” Realmente, uma decisão muito prática! E ele pode dizer que na maioria das vezes a observou. Na contínua mudança, entre uma espera aborrecedora e as cansativas marchas até à exaustão, ele se preserva do embotamento. Os atos de entrega e doação ao “Capital de Graças da Mãe Três Vezes Admirável” dão-lhe firmeza interior mas devem ser ainda mais profundos e melhores.

E como vai o Horário Espiritual? O que de melhor lhe aconteceu foi participar da Santa Missa. Por outro lado, esqueceu-se da hora de guarda espiritual que se propusera ou a praticou superficialmente. Está satisfeito com a oração da manhã e da noite.

É este o balanço das quatro primeiras semanas na escola de recrutas durante a primeira guerra mundial. Um bom começo! Será que o idealista José vai persistir? – Os velhos inimigos já começam a manifestar-se novamente.

Quando vê que o sargento despeja o café no chão e manda os recrutas limpá-lo para depois irem ao trabalho com os estômagos vazios, o seu sentido de justiça ferido se revolta apaixonadamente. José, por pouco não agrediu o sargento. Há dias nos quais se acumulam muitas coisas e isso lhe oprime o ânimo. Por causa de um abcesso no pescoço foi obrigado a trabalhar em serviços nos alojamentos. Não passou na verificação da limpeza das armas e foi condenado a exercícios extras. É suspeito de roubo pelos colegas. Foi destacado para montar guarda justamente na noite de Natal...

Certa vez arma-se uma cena terrível. Alguém lhe rouba a baioneta limpa, bem cuidada e põe em seu lugar uma outra, suja e desgastada. José descobre o ladrão e exige energicamente que a devolva. Na briga que surge, toda a turma cai em cima de José e ele se defende com um banquinho. Colegas intervêm para separá-los. Não se pensava que Engling seria capaz disto.

Um dia José Engling se propôs: “Quero tornar-me santo.”

“Mãe, Mater Ter Admirabilis, eu te ofereço todas as minhas atividades, todas as minhas boas obras, toda a minha santificação para os objetivos que tu, ó Mãe, tens com o nosso Movimento.” Assim José escrevera antes de sua partida de Schoenstatt. Agora, na dura vida de soldado, ficará evidente se tudo isso foram sonhos ou se ele vencerá as dificuldades.

## Abraçando a missão

Em meados de janeiro de 1917, muda o quadro dos acontecimentos. Reorganização no quartel. À agitação de antes de Natal segue-se um tempo de modorra mortal, só alterada por alguns exercícios de armas. Os dias passam monótonos e sem graça. Quem não ficaria embotado espiritualmente nesta situação?

Mas José Engling não se entrega tão facilmente. Depois das tempestuosas primeiras semanas, ele volta a ser dono de si. Novamente brilha seu ideal: “Ser tudo para todos e pertencer totalmente a Maria!”

Além dos propósitos fielmente cumpridos e do Horário Espiritual observado, José se preocupa especialmente com seus colegas. Primeiro foram os 16 do colégio de Schoenstatt que estavam junto com ele no quartel. Procura reuni-los, cria ocasiões para contatos e fortalecimento de seus ideais. É, considerando os imprevistos da vida militar, um apostolado bastante difícil que envolve também muito tempo. Quantas vezes estava tudo preparado e, na última hora, uma ordem das autoridades modifica a situação e eles se perdem de vista por vários dias.

Além do mais falta-lhes, mesmo entusiasmados pela missão do Movimento, nestas circunstâncias, a experiência. Aprenderam no colégio a conviver e, num dia bem ordenado, estimular-se mutuamente. Mas não tinham idéia da instabilidade e agitação de uma vida militar. Por isso o trabalho em torno do ideal comum não era fácil e tem seus altos e baixos.

Em suas anotações José atribui, em geral, a falta de sucesso à sua negligência. Mas na realidade foram as diferenças dos membros do grupo que não permitiram um trabalho eficiente. O fato de José, desde o início, ter no seu grupo também jovens de outros círculos é sinal de que entendeu e abraçou a missão.

No decorrer do primeiro semestre de 1917, apesar de todas as decepções, sempre procura novos caminhos. É seu permanente empenho pelo Reino da Mater Ter Admirabilis que o faz crescer interiormente. Consegue motivar os soldados schoenstattianos a contribuir para que a revista MTA tenha uma tiragem maior, embora o soldo dos soldados seja muito pequeno. Mantém contato freqüente, por correspondência, com seu orientador espiritual. Quando fica sabendo que no colégio de Schoenstatt não se tem mais aquele idealismo de antes, escreve cartas animadoras, lembrando os colegas de sua responsabilidade pelos que estão nos quartéis e na guerra. José conseguiu que os grupos fora de Schoenstatt se reunissem várias vezes para encontros, peregrinações e renovação de sua Aliança de Amor. Com entusiasmo abraçam a missão e desafiam os perigos do quartel. A que se devem esses resultados positivos? Não serão às “Contribuições ao Capital de

Graças”? Não é isso realmente uma bênção do Santuário? Não será, quem sabe, fruto das atitudes heróicas do soldado José Engling?

Virão ainda tempos mais difíceis para ele.

### **Tudo passa, mesmo a fome**

No dia 8 de agosto de 1917, José é designado para Jablona, perto de Varsóvia. Uma carta que escreveu ao Pe. Kentenich revela como vai ele por lá.

“É uma hora da tarde e eu estou sentado à mesa sozinho, descalço e em mangas de camisa. É um sábado. Fui escalado guarda por duas horas, enquanto os outros estão de folga. Ai comecei a me revoltar interiormente. No domingo, às 13 horas, começou uma semana como nunca tive outra. O sargento, a toda hora, tinha algum motivo para xingar e resmungar. Eu também resmunguei nas costas dele. Segunda-feira voltamos da guarda, cansados e desanimados; mal tínhamos almoçado veio a ordem: ‘Preparar-se para o exercício de tiro’! Partimos com a mochila, num calor terrível. Tive a tentação de largar tudo, desistir de aspirar à santidade e de pensar: basta ser um cristão normal, não cometer pecado mortal e mentir quando é vantagem para a gente. Foi uma dura luta. Só o pensamento na querida Mãezinha me deu força de afastar as tentações que já tinham me envolvido totalmente. E mesmo assim não foi fácil. Chegados ao campo de tiro, devíamos atirar com máscaras de gás. Eu errei o alvo todas as vezes que atirei e por isso tive de ficar até o fim. Passivamente entreguei-me a este destino e sem nenhuma reação atirei-me na grama. Chegando ao quartel, tomamos café – eu já tinha comido o pão durante a guarda –; depois tivemos que entregar a farda de campo. Eram nove horas quando terminamos tudo. Chegou gente para cozinhar em nosso compartimento; era um calor e uma confusão insuportável. O dia seguinte não foi melhor. Todos tiveram que sofrer xingadas e castigos. Na guarda não saudei um tenente porque não o conhecia e ele me agrediu. Tudo isso foi muito difícil para mim. Xinguei e resmunguei junto com os outros. Então lembrei-me da Mãe do céu, de sua bondade e amor, de meus colegas e do Capital de Graças e assim supor-tei, conformado, as dificuldades...”

E a seus pais escreve: “Nunca passei fome como nestes três dias, mesmo em Hagenau no início do serviço militar, embora já tenhamos passado fome à beça.”

Nesta situação é compreensível que a vida espiritual de José tenha sofrido altos e baixos. Sua aspiração à santidade não é mais tão decisiva e viva em sua alma. Pela primeira vez, abandona por várias semanas o controle por escrito de seu Exame

Particular e Horário Espiritual.

Mas logo sua consciência se manifesta e José se dirige para o ponto de onde sempre recebeu auxílio:

“Eu te esqueci, Mãe Três Vezes Admirável. Como sou ingrato. Depois de tantas graças recebidas te esqueci. Muitas vezes tu me sussurras que eu não te esqueça, mas falta-me força de vontade. Ó Mãezinha, perdoa-me; sinto muito! Quero esforçar-me, com maior zelo ainda, à santidade. Devo isto a ti por ter recebido tantas graças e devo isto aos meus colegas. Quero! Isto, porém, não deve ser apenas um desejo, um gostar de fazer, mas um querer enérgico, uma ação vigorosa. Quero! Devo!”

A partir desta resolução manteve, até o último dia de sua vida, mesmo nas situações mais difíceis, seu controle por escrito. Atacou até os menores apegos desordenados, como o jogo de cartas no qual tinha-se viciado.

### **Tempo para escrever**

Terminou o serviço.

José toma lápis e papel e vagueia no compartimento dos soldados. Aí certamente achará sossego para escrever. Engano! Que fumaceira, que barulho! Isso não seria o pior, se houvesse lugar para sentar-se. Espera quinze minutos, meia hora – em vão.

José dá meia-volta para o dormitório e deita-se sobre seu colchão de palha. Com o tempo esta posição fica incômoda. Anda de um lado para o outro a procura de um lugar melhor. Finalmente acha uma caixa de papelão que, colocada sobre os joelhos, lhe serve de escrivaninha.

Engling escrevendo, diariamente, permanece na lembrança de seus colegas. Ele faz uma nova descoberta: o apostolado silencioso por carta, dirigindo-se ao indivíduo com fidelidade inabalável e amor desinteressado. Assim surge um grupo, à distância, de sete membros espalhados pelo mundo. Um deles, Afonso Hoffmann, estuda em Schoenstatt e deixa os soldados a par dos acontecimentos em volta do Santuário. Três estão na companhia de Engling e os demais, em outras frentes. Nessa situação de guerra, muitas cartas não chegam ao destinatário ou levam muito tempo. Mas José não liga para isso. Ele escreve porque está em aliança com eles e com a Mãe de Deus. Escreve porque tem uma missão, escreve porque ama.

Mas afinal, o que José escreve? Escreve a seus colegas o que experimentou e fez a respeito de sua auto-educação. Dentro de pouco tempo comunicam-lhe que também eles se decidiram a fazer o controle do Exame Particular e do Horário Espiritual por escrito. Começa uma troca de experiências e um sugere para o outro o que foi provado. José nunca assalta de surpresa seus colegas com suas sugestões. Ele estimula ao diálogo franco e só propõe um propósito de grupo quando, pelo menos, dois terços estão de acordo. Não se abala por causa de pequenos fracassos neste trabalho. Em outubro lembra que todos os esforços são “Contribuições ao Capital de Graças” e vêm em proveito de todo o Movimento Apostólico. Ele mesmo deixa de fumar e incentiva os colegas a fazerem o mesmo. O dinheiro, economizado com isso, é enviado a Schoenstatt.

As cartas dirigidas a José Engling mostram a abertura e sinceridade do relacionamento, por exemplo uma, de Paulo Reinhold:

“O controle do Exame Particular por escrito certamente será difícil de ser posto em prática. Se alguém tiver uma ocupação regular, um alojamento confortável e com luz, tudo bem (Muitas vezes José escreve debaixo de uma lona e com os dedos sujos de barro), mas aqui!? Até mesmo nas trincheiras seria possível, mas para isso é preciso energia e perseverança... Se, porém, todo grupo resolve, estou junto”

Um outro relata:

“Estava de acordo com o propósito e fiz as anotações até 7 de dezembro. Dia 8 de dezembro fomos, inesperadamente, transferidos de posição. Ai, de cansaço, esqueci de fazer as anotações. Mas vou recomeçar.”

Outro membro do grupo escreve:

“Me propus seriamente o Exame Particular. Custou-me muito esforço. Muitas vezes me deu vontade de deixar tudo. Mas, devagar vou conseguir.”

Quatro meses sem missa, sem estímulo para sua vida interior, roubado por seus colegas, vítima de aproveitadores de sua bondade... apesar de tudo isto, José Engling mantém-se firme em seus ideais. O contato regular com seu orientador espiritual, ao qual a cada quinze dias envia um relatório da situação, o ajuda bastante. A cada dia cresce sua grandeza interior.

Um companheiro que esteve com ele por longo tempo no campo de batalha escreve:

“Sua conduta frente aos superiores era exemplar. Cumpria com exatidão e pontuali-

dade as ordens, mesmo as menos importantes.

Em relação a seus colegas era amável e prestativo. Procurava prestar-lhes até os menores serviços. Repartia com eles o último pedaço de pão, o último gole de seu cantil e isso significava para ele não pequeno sacrifício, pois era de compleição robusta e, como todo soldado de infantaria, tinha sempre bom apetite. Dedicava-se principalmente aos mais fracos e pais de família...

Com freqüência assumia os trabalhos de outros. Quando se tratava de buscar comida ou água em lugares perigosos, logo ele aparecia e se oferecia no lugar de alguém...

Mais tarde os chefes queriam tê-lo no seu grupo, por causa de sua coragem, de seu modo de ser alegre e de sua obediência..."

Mas Deus quer levá-lo mais adiante, conduzi-lo ainda mais para o alto.

### **Quatro resoluções em três dias**

O último ano da Primeira Guerra Mundial despontou. No começo de fevereiro de 1918 o regimento de Engling é transferido da frente oriental para a frente ocidental porque a Rússia fez um tratado de paz com a Alemanha. José passa para o destacamento de tropas de choque e assim encontra-se em contínuo perigo de vida.

Escreve a seu amigo Carlos: "Não temo o perigo. Para mim pessoalmente é a mesma coisa enfrentar batalhas perigosas ou estar num lugar seguro. Estou disposto a aceitar com alegria a própria morte das mãos da Mãe".

Acha, até nesta situação, tempo para se manter fiel ao acordo feito com seu grupo. Tinham decidido fazer uma renovação espiritual mais prolongada, por três dias. José pensa fazer um tipo de retiro.

No primeiro dia reflete sobre Deus, o céu e o inferno. No segundo dia faz uma revisão dos últimos meses de sua vida e de seus esforços. No terceiro dia olha para o futuro e reflete como poderá avançar ainda mais.

E, como é próprio de José, fixa a reflexão em propósitos que brotam de seu ideal e de suas experiências:

"Quero tornar-me santo através de meu orientador espiritual. – Quero ser um

schoenstatiano autêntico e aderir de corpo e alma ao Movimento Apostólico. – Quero observar meu Exame Particular com grande zelo e atenção. – Não quero poupar nenhum sacrifício para fazer diariamente uma leitura espiritual e rezar uma dezena do terço”.

José experimentará com seu amigo Riedinger como é necessário o apoio da oração em seu apostolado.

### **Preocupação com um amigo**

Cuniberto Riedinger era estudante de Belas Artes numa academia de pintura. Antes de sua incorporação no exército vivia com certo luxo e perdeu seu fervor religioso. Tem grande confiança em José Engling e entretém-se com ele, com questões filosóficas. Juntos estudam francês no meio das trincheiras. Está se encaminhando uma verdadeira amizade. Certo dia Cuniberto abre seu coração a José e diz-lhe que há anos não se confessa. José ajuda-o a fazer uma boa confissão pascal e conta-lhe também sobre o Movimento Apostólico de Schoenstatt. Cuniberto começa a lutar para conseguir firmeza de caráter e entra no grupo de José Engling. Tudo parece correr bem.

Riedinger sai em férias. Pouco tempo depois achega-se a José Engling um colega e lhe comunica a má notícia: Riedinger, assim diz, juntou-se novamente a maus elementos, afastou-se do bom caminho e contraiu uma doença contagiosa. José gostaria de ter o endereço de seu amigo mas o companheiro o tinha perdido. Assim fica impossível qualquer comunicação com ele.

José Engling sente muita dor por seu amigo. Não o despreza, mas uma profunda tristeza invade seu coração. Por esta experiência Deus o ensina a sofrer e lidar com o sofrimento. É o tipo de dor que têm que suportar aqueles que se decidem a trabalhar na salvação das almas.

Teria José vencido essa desilusão se não estivesse em Aliança de Amor com a Mãe de Deus? Teria ele, sem a ajuda das graças do Santuário, superado essa situação?

### **Um olhar claro**

25 de julho de 1918. O soldado José Engling está em férias. Pelo meio-dia está caminhando de Vallendar rumo a Schoenstatt. Já de longe saúda-o a nova casa,

ainda utilizada como hospital de guerra. No vale elevam-se as duas torres do antigo convento das monjas agostinianas. Não longe daí, sob os pinheiros, esconde-se a capelinha. Isto é Schoenstatt, sua querida segunda pátria.

José coloca a mochila e o fuzil ao lado da porta do Santuário e entra. Ai ele está e pode falar com a sua Mãezinha.

Ele fica cerca de quatro dias em Schoenstatt. Ainda muitos anos depois, antigos alunos contam como ele ajudou com toda a naturalidade na limpeza da casa, deu um pedaço de presunto a um petiz com faces macilentas e se entretteve com os alunos com muito humor e carinho. É evidente, José teve uma longa conversa com seu orientador, Pe. Kantenich e aprofundou sua vida interior e seu grande amor a Deus com três dias de retiro espiritual.

Não sabemos o que José disse a Nossa Senhora. Mas, pelas suas anotações e por indicações de seus companheiros de guerra vemos que ele experimentou esse Santuário como um lugar de graças, do qual deveria partir uma vigorosa torrente para a renovação do mundo. Sabemos que, desde sua visita a Schoenstatt – a última de sua vida – ficou cada vez mais silencioso entre seus colegas. Suas anotações dão a perceber que com frequência experimentou sensivelmente a proximidade de Deus. Seguiram-se dias de confusão de um exército que se dissolvia, de uma guerra que continuava mas sem nenhum sentido. José permaneceu tranqüilo e sereno. Conseguiu que um grande número de seus colegas de farda se aproximasse da confissão e da sagrada comunhão na missa celebrada no campo de batalha.

Quando José partiu de Schoenstatt retornando para o campo de batalha, o Padre Kantenich acompanhou-o até a saída para Vallendar.

“Deverias ter estado ontem aqui”, disse o padre Kantenich, no dia seguinte, a um colega de Engling, “ai podias ter visto José Engling. Seu olhar é tão claro.”

### **Tudo ganha quem tudo perde**

Na escuridão da noite o regimento de José Engling avança em direção à cidade de Cambrai em chamas. Na estrada se arrastam os passos cansados das companhias. Marcham calados e vergados sob o peso das mochilas, carregando duas metralhadoras pesadas e quatro leves juntamente com as caixas de munição que são frequentemente revesadas de um para o outro.

As companhias fortes e numerosas ficaram pequenas e fracas nos últimos meses.

Na pressa do transporte recebem pouca assistência.

Ao passar por um cruzamento apressam o passo. Carros de munição destruídos e abandonados dão a perceber que houve muito estrago por ali. São pavorosos os campos nos arredores de Cambrai. Acima da frente de batalha relampejam os tiros de canhão. “Tomara que consigamos escapar desta”, diz o sargento perto de José que responde: “Até agora deu tudo certo, esperamos que continue assim”.

Ainda não terminara essas palavras quando desce uma rajada de projéteis no cruzamento logo atrás deles. A companhia lança-se à direita e à esquerda ao campo aberto. José corre com os companheiros distanciando-se uns duzentos metros da estrada. Tiveram sorte. Toda a estrada é metralhada.

Agora os canhões silenciam. Alguns se levantam com esperança. José quer se encontrar com o comandante. Mas uma nova rajada de projéteis invade a área. Como que guiado por uma mão traidora, em vez de acertar na estrada, desce, a cerca de cem metros à direita. No faiscar das explosões vê-se, à cabeceira da tropa em marcha, alguém que tomba. Os demais conseguem escapar.

Depois do ataque o sargento Juchem e alguns companheiros logo correm para o local do acidente. Um homem jaz aí banhado em sangue. Imediatamente o reconhecem. É José Engling. Estilhaços de granada feriram-no gravemente na cabeça e no peito. Juchem constata que ele já está morto. É o dia 4 de outubro, entre sete e oito horas da manhã.

“No campo de batalha, 3 de junho de 1918.

Querida Mãezinha, Mater Ter Admirabilis!

Novamente eu me ofereço a ti como vítima. Eu te ofereço tudo o que sou e tenho: meu corpo e minha alma com todas as suas faculdades, meus bens, minha liberdade e minha vontade. Quero pertencer inteiramente a ti. Sou teu. Dispõe de mim e de tudo o que é meu como melhor te aprouver. Porém, se for compatível com teus planos, aceita-me como vítima para as tarefas que tu mesma confiaste ao nosso Movimento Apostólico.

Humildemente, teu indigno servo, José Engling.”

José renovava essa consagração de entrega a cada semana e, nos últimos tempos, diariamente. Até o dia de sua morte observou fielmente seu Horário Espiritual e depositou suas conquistas e sacrifícios no Capital de Graças do Santuário. No dia 4

de outubro de 1918 a Mãe Três Vezes Admirável aceitou o sacrifício de sua vida. Estilhaços de granada puseram fim à sua vida terrena. A confusão das tropas em retirada foi a causa de só conhecermos o lugar onde ele morreu, porém não o seu túmulo.

À sombra do Santuário de Schoenstatt, foi erguido um memorial em honra de José Engling, com as datas referentes à sua vida. Até hoje, diariamente aí se encontram pessoas abrindo-se para a graça de Deus e buscando forças para a cooperação humana na construção do Reino do Pai. Ele deseja pessoas dispostas a perder tudo por amor a fim de ganhar tudo, em seu amor.